

The image shows a book cover with a light gray background featuring a faint, repeating floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides of the cover. In the center, there is a white rectangular area enclosed by a double black border. Inside this white area, the text "Livro de poemas" is written in a simple, black, sans-serif font.

Livro de poemas

TROVADORISMO

Pois nossas madres van a San Simon de Val de Prados
candeas queimar, nós, as meninas, punhemos de
andar con nossas madres, e elas enton queimen
candeas por nós e por si e nós, meninas, bailaremos
i. Nossos amigos todos lá irán por nos veer, e
andaremos nós bailando ante eles, fremosas en cóis, e
nossas madres, pois que alá van, queimen candeas
por nós e por si e nós, meninas, bailaremos i.
Nossos amigos irán por cousir como bailamos, e
podem veer bailar moças de bon parecer, e nossas
madres pois lá queren ir, queimen candeas por nós e
por si e nós, meninas, bailaremos i. Pero de Viviãez,

CV 336, CBN 698

HUMANISMO

“Meu amor, tanto vos amo, que meu desejo não ousa desejar nenhuma cousa. Porque, se a desejasse, logo a esperaria; e, se eu a esperasse, sei que vos anojaria.

Mil vezes a morte chamo, e meu desejo não ousa desejar-me outra cousa.” (Conde Vimioso)

CLASSICISMO

Alma minha gentil, que te partiste Tão cedo desta
vida, descontente, Repousa lá no Céu eternamente, E
viva eu cá na terra sempre triste. Se lá no assento
etéreo, onde subiste, Memória desta sida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente Que já nos
olhos meus tão puro viste. E se vires que pode
merecer-te Alguma cousa a dor que me ficou Da
mágoa, sem remédio, de perder-te, Roga a Deus, que
teus anos encurtou, Que tão cedo de cd me leve a ver-
te, Quão cedo de meus olhos te levou Fonte:

https://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/portugues/lit_port_poes

QUINHENTISMO

Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E
de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. -
Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó
menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem
vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado. Leia mais:
<https://quinhentismo2.webnode.com/poemas/>

BARROCO

“A Lâmpada do Sol tinha encuberto, Ao Mundo, sua
luz serena e pura, E a irmã dos três nomes
descuberto A sua tersa e circular figura. Lá do portal
de Dite, sempre aberto, Tinha chegado, com a noite
escura, Morfeu, que com subtis e lentos passos Atar
vem dos mortais os membros lassos.”

ARCADISMO

Olha Marília, as flautas dos pastores, Que bem que soam, como são cadentes! Olha o Tejo a sorrir-se!

Olha: não sentes Os Zéfiros* brincar por entre as flores? Vê como ali, beijando-se, os Amores Incitam nossos ósculos ardentes! Ei-las de planta em planta as inocentes As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira; Ora nas folhas a abelhinha pára. Ora nos ares sussurrando, gira. Que alegre campo! Que manhã tão clara! Mas ah! Tudo o que vês, se eu não te vira, Mais tristeza que a morte me causara. *Zéfiro é um deus grego que personifica o vento oeste.

ROMANTISMO

Poesia e prosa

Canção do exílio Minha terra tem palmeiras, Onde
canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não
gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores, Nossos bosques tem
mais vida, Nossa vida mais amores. [...] Minha terra
tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em
cismar – sozinho, a noite – Mais prazer eu encontro
lá; Minha terra tem palmeiras Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte
para lá; Sem que desfrute os primores Que não
encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá. DIAS, G. Poesia e prosa
completas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

REALISMO

Sê Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas. Douglas Malloch

NATURALISMO

"Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor.

Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho".

PARNASIANISMO

As Pombas Vai-se a primeira pomba despertada... Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas De pombas vão-se dos pombais, apenas Raia sanguínea e fresca a madrugada... E à tarde, quando a rígida nortada Sopra, aos pombais de novo elas, serenas, Ruflando as asas, sacudindo as penas, Voltam todas em bando e em revoada... Também dos corações onde abotoam, Os sonhos, um por um, céleres voam, Como voam as pombas dos pombais; No azul da adolescência as asas soltam, Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam, E eles aos corações não voltam mais...

SIMBOLISMO

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre a
sonhar... Viu uma lua no céu, Viu outra lua no mar. No
sonho em que se perdeu, Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu, Queria descer ao mar... E, no
desvario seu, Na torre pôs-se a cantar... Estava longe
do céu... Estava longe do mar... E como um anjo
pendeu As asas para voar. . . Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar... As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par... Sua alma, subiu ao céu, Seu
corpo desceu ao mar... (Alphonsus de Guimaraens)

PRÉ-MODERNISMO

Poesia e prosa

Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de
escuridão e rutilância, Sofro, desde a epigênese da
infância, A influência má dos signos do zodíaco. Prof
undissimamente hipocondríaco, Este ambiente me
causa repugnância... Sobe-me à boca uma ânsia
análoga à ânsia Que se escapa da boca de um
cardíaco. Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas Come, e à vida em
geral declara guerra, Anda a espreitar meus olhos
para roê-los, E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Caio Fernando Abreu (1948-1996): autor de “Morangos
Mofados”